

**RESENHA/RECENSÃO – BOOK REVIEWS**

*João Paulo Reis Braga\**

FESER, Edward. **A Última Superstição**: Uma Refutação do Neoteísmo. [trad. Eduardo Levy]. Belo Horizonte, MG: Ed. Cristo Rei, 2017, p. 320. Valor: R\$ 20 (Kindle)<sup>1</sup>.

Até o fim do século XX, o ateísmo estava basicamente dividido em duas vertentes: o ateísmo forte – que afirmava a não existência de Deus; e o ateísmo fraco – que inclui outras formas de não teísmo. Entretanto, após os ataques de 11 de setembro de 2001 em território americano, advém um forte crescimento do sentimento antirreligioso nos EUA e em outras partes do mundo, principalmente contra o islamismo.

Nesse contexto, ocorre uma sucessão de publicações e reedições de livros de autores militantes do ateísmo atacando não apenas o Islã, mas também toda e qualquer forma de religião e credo. Escritores como Sam Harris, Richard Dawkins, Daniel Dennett e Christopher Hitchens, ganham projeção mundial, vendem milhões de livros e entram na lista de best-sellers em vários países. Esse conjunto de fatores colaborou para o surgimento de uma nova forma de ateísmo, mais agressivo e radical, que hoje é conhecido como “neoteísmo”. Para os neoteus a religião não deve ser nem mesmo

---

\* Mestrando em Ciências da Religião na Universidade Católica de Pernambuco e Licenciado em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Pernambuco. Orientador: Prof. Dr. Drance Elias da Silva. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3881845087574963>. E-mail: [jpreisbraga@yahoo.com.br](mailto:jpreisbraga@yahoo.com.br).

<sup>1</sup> Esse livro foi adquirido na Amazon, em março de 2018, em formato de arquivo Kindle, de livros digitais. Esta plataforma não apresenta o número de páginas como no caso das edições impressas, por isso as referências as citações estão de acordo com o que o que é apresentado na plataforma como localização da passagem no conteúdo total da obra. No corpo desse texto a localização da citação será representada pela sigla “l.”, ao invés do tradicional “p.”.

tolerada, mas sim criticada e condenada como um risco à existência da própria humanidade.

Edward C. Feser é PhD em filosofia pela Universidade da Califórnia, Santa Barbara, atualmente é professor associado americano de filosofia no Pasadena City College. Suas principais áreas de pesquisa e produção de textos são filosofia da mente, filosofia moral e política e filosofia da religião, onde já escreveu e publicou 10 livros sobre esses temas. “A Última Superstição: Uma Refutação do Neoteísmo” é uma obra lançada originalmente nos EUA no ano de 2010, e publicada no Brasil em 2017.

Assim como o próprio Feser (2017, l. 339) explica, ele foi “por muitos anos ateu e naturalista convicto”, entretanto, as leituras aprofundadas que fez das obras de Aristóteles e São Tomás de Aquino, durante sua pós-graduação em filosofia, conduziram-no de volta à crença em Deus e à Igreja Católica, mais especificamente. Após assumir uma postura conservador de defesa de vários dogmas cristãos, Feser hoje é um duro crítico dos neoteus, combatendo principalmente as distorções feitas pelos mesmos em torno dos argumentos filosóficos e teológicos a favor da existência de Deus.

Os objetivos que Feser acredita ter alcançado com seu livro são os de demonstrar que, em primeiro lugar, existe um grande poder nos argumentos tradicionais da metafísica aristotélica quando entendida corretamente; em segundo, que as críticas de muitos filósofos modernos perdem o valor ao tentar substituir os argumentos teológicos por crenças “repletas de paradoxo e incoerências”; e por fim, que a ciência moderna não é contraditória ao quadro metafísico aristotélico, mas ao contrário, em “pelo menos em algum grau (a ciência) tende a apontar em direção a ele” (FESER, 2017, l. 5402).

Feser afirma ainda que vê uma deficiência no argumento de muitos defensores da religião, que se “contentam em sugerir que muito daquilo em que creem os secularistas também se baseia em fé, no sentido distorcido de disposição de crer em algo na ausência de provas” (FESER, 2017, l. 197). Para o autor caberia a esses religiosos rebater a falas errôneas dos céticos de que a religião está baseada exclusivamente na fé, lembrando que:



O neoteísmo é ainda um sistema de crenças profundamente irracional e imoral, em verdade, é a própria negação da razão e da moralidade. Daí que eu o chame de a última superstição: “última” não apenas no sentido de aquela que resta depois que supostamente destruiu todas as outras, mas também no sentido de a superstição última, a “mãe de todas as superstições” (FESER, 2017, l. 622).

Nesta obra, Edward Feser faz uma defesa dos argumentos filosóficos clássicos aristotélico e tomista em oposição ao conjunto de crenças e suposições materialistas e preconceções científicas de ateus militantes como Richard Dawkins e Daniel Dennett. No capítulo 1, o ateísmo é apresentado como uma falsa religião, carente de básica científica e compreensão filosófica mínima da realidade. O capítulo 2 é uma investigação das principais ideias metafísicas de Aristóteles e Platão. Os capítulos 3 e 4 vão tratar de como as ideias desses pensadores foram desenvolvidas, sendo utilizadas posteriormente dentro do contexto escolásticos de conciliar a fé cristã com um sistema racional de pensamento. São nesses capítulos que o autor dedica especial importância a Tomás de Aquino, objetivando uma abrangente explicação sistemática da existência de Deus.

Na segunda parte da obra, no capítulo 5, Feser (2017, l. 704) examina o modo como ocorreu o rompimento de filósofos “modernos com a herança clássica grega e medieval”, dando início a um processo que gradualmente minou “não apenas a herança moral e religiosa do Ocidente, mas também os fundamentos da razão, da moralidade e da própria ciência”. E finalmente, no sexto e último capítulo, o autor vai tratar de algumas questões da neurociência, fazendo uma correlação com a visão mecanicista de mundo implantada por Descartes, discutindo ainda a existência de informações decodificadas na natureza e a probabilidade do aparecimento espontâneo das mesmas. Feser encerra este capítulo tratando da “teleologia”, ou seja, que existe um propósito em tudo, afirmando que essa convicção está presente em praticamente todo o discurso dos líderes do neoteísmo, que pregam suas crenças para seus seguidores quase como uma doutrina religiosa fundamentalista.

No primeiro capítulo, intitulado Religião Fajuta, Feser começa falando da conversão ao teísmo do famoso filósofo britânico Antony Flew, ídolo dos ateus por muitos anos pelo seu alto poder argumentativo filosófico na defesa arraigada do materialismo. Feser lembra como Flew se converte a partir da compreensão da Causa Primeira, e



de como ele foi duramente atacado, renegado e ridicularizado pelos ateus por sua mudança de postura.

O capítulo 1 segue fazendo uma análise superficial de algumas publicações dos principais nomes do neoateísmo; da proposta fracassada de Daniel Dennett de fazer com que os neoateus passassem a chamar a si mesmos de “esclarecidos [bright] para distinguir-se das pessoas religiosas”; e trata ainda do esquecimento dos autores neoateístas de que praticamente todos os grandes cientistas da humanidade foram homens religiosos. Segundo Feser, o ateísmo está baseado em fé, e não em racionalidade, e dentre os argumentos, o autor narra sua própria história de conversão de ateu para teísta por meio de argumentos racionais. Esse capítulo apresenta ainda que a suposta guerra entre ciência e religião é na verdade um mito, e em seguida cita cientistas famosos que admitem sua crença no materialismo como “fé” simplesmente por não quererem aceitar a resposta óbvia de um Criador para estruturas complexas como o Universo e a vida. Nesse ponto, Feser demonstra a banalidade dos argumentos ateístas:

Assim, quando afirmo que o secularismo é uma religião e indico que isto é ruim, expressei-me de maneira bastante imprecisa, como que “falando com o vulgo”... Com os próprios secularistas (não há gente mais vulgar), na medida em que afirmo que são “religiosos” no sentido excêntrico em que eles próprios empregam essa palavra, com a conotação de dogmatismo, ignorância e intolerância (FESER, 2017, I. 506).

No capítulo 2 – “Presente de Grego”, Feser faz uma recapitulação da história do pensamento científico, recordando vários filósofos gregos antigos que tralharam a questão da Causa Primeira. O autor analisa a Teoria das Formas de Platão, e neste ponto torna-se extremamente prolixo na apresentação de suas ideias, objetivando expor suas concepções do que chamou de “Forma da Justiça” e “Forma do Bem”. Segundo o autor, a teoria das formas encontrará seu ápice na alegoria da caverna de Platão, postando em seguida uma discussão sobre a homossexualidade, mas que, além de Platão, ele agora também inclui Aristóteles, Sócrates e Hume, passando o autor a tratar da questão filosófica a respeito da mudança ou da permanência das coisas e da origem e constituição da matéria.

Feser denomina seu terceiro capítulo de “Ficando Medieval”, como uma referência ao alto grau de dedicação aos estudos e ao desenvolvimento do raciocínio lógico de Tomaz de Aquino. Fazendo uma análise das Cinco Vias no decorrer do texto, ele explica como essas conclusões levaram Aquino a desenvolver argumentos que já refutavam as afirmações neoateístas atuais. O autor destaca que no mundo midiático e leigo em filosofia e religiosidade, as afirmações neoateístas ressoam como novidade, sendo apresentadas com um caráter quase que “irrefutável”. Contudo, essas mesmas proposições já foram refutadas há séculos, e até há milênios anos antes da nossa era Moderna. Dessa forma, Feser crítica duramente a absurda falta de conhecimento filosófico que Richard Dawkins demonstra em suas publicações, e crítica ainda a lacuna deixada por filósofos profissionais como Dannett, Hitchens e Harris, a respeito dos argumentos dos renomados filósofos da história a favor da existência de Deus.

No capítulo “Destreza Escolástica”, o autor busca examinar como alguns dos princípios de Aristóteles foram utilizados por Aquino para defender a crença na imortalidade da alma e na “concepção da moralidade baseada na lei natural”. Feser faz uma distinção entre “alma nutritiva” (espécie de comando genético que determina os comportamentos básicos dos seres vivos), “alma sensitiva” (que é capacidade de sentir o mundo circundante) e a “alma racional” (que existe só nos seres humanos e pode ser entendida como a consciência) – segundo o autor, está última é superior as outras. Ao fazer a análise desses três tipos, e trazendo reflexões sobre a natureza das coisas e do DNA, Feser relaciona a alma com o intelecto, e conclui: “não é material”, no sentido de que a alma não pode ser fruto de meras articulações orgânicas da matéria, pois “uma vez que ela funciona e, portanto, existe independentemente da matéria, não é possível que tenha sido gerada por processos puramente materiais” (FESER, 2017, I. 2775).

Ainda no capítulo 4, Feser fala da crença e das evidências na ressurreição de Jesus Cristo, demonstrando “como na defesa do ateísmo o ‘argumento do mal’ é completamente irrelevante... Pois a fé, corretamente compreendida, não contradiz a razão no mais mínimo que seja” (FESER, 2017, I. 3222). O autor fala ainda de sexo,



e tenta usar argumentos filosóficos de Aristóteles e Aquino para fundamentar uma conclusão aparentemente muito retrógada e preconceituosa:

Suponha, pois, que as coisas, inclusive as nossas várias capacidades biológicas, de fato tenham causa final. Nesse caso não é mistério nenhum qual é a causa final ou propósito natural do sexo: procriação. E a procriação é inerentemente heterossexual (FESER, 2017, l. 2981).

Nos capítulos 5 e 6, Feser vai tratar dos primeiros pensadores da Modernidade e de como “o retorno à filosofia clássica – e, portanto, às conclusões religiosas que se seguem dela – é racionalmente inevitável” (2017, l. 3444). No capítulo intitulado “O Declínio dos Modernos”, o autor vai discutir a visão mecanicista de mundo de Descartes, trazendo para o debate o filósofo Guilherme de Ockham e sua visão de como é possível conhecer Deus:

Somos também levados à conclusão de que devemos olhar antes para a fé que para a razão para obter conhecimento de Deus, uma vez que não há nada na criação que possa nos dar tal conhecimento racional. Isto, ao lado da sua ênfase no poder absoluto e na vontade inescrutável de Deus, sublinha o giro de Ockham para a fé como a única fonte possível de conhecimento moral” (FESER, 2017, l. 3503).

Para Feser (2017, l. 3665), homens como René Descartes, Francis Bacon, John Locke, Thomas Hobbes e Baruck Spinoza destruíram a herança do pensamento aristotélico que havia sido “essencialmente adotado pela doutrina católica”, contudo, o autor afirma que “a ciência moderna não fez absolutamente nada que refutasse a metafísica de Aristóteles”. Em relação a isso, o autor pergunta: “Por que, então, ela foi abandonada? E qual foi, então, a conexão com a ciência moderna?”. Segundo Feser, escritores contemporâneos como Thomas Nagel e Richard Lewontin declaram que a interpretação naturalista da ciência da qual são adeptos “é menos uma posição filosófica de motivação independente do que uma tentativa de evitar que Deus entre pela nossa porta” (2017, l. 3685).

O principal argumento de Feser no seu sexto e último capítulo, nomeado “A Vingança de Aristóteles”, reside no que ele chamou de “o torrão debaixo do tapete”, que é uma metáfora que Feser usa para os muitos e sérios problemas que existem quando os neoateus tentam explicar a mente através de termos unicamente materiais: “Assim, dizer que a matéria, compreendida em termos mecanicistas, é tudo o que existe



equivale a negar implícita, mas necessariamente, que a mente existe” (FESER, 2017, l. 4804).

O autor concluí que a mente não pode ser produto do somatório de informações, pontuando que “o próprio Darwin disse certa vez que é difícil para qualquer um que tente decifrar o uso de uma estrutura evitar a palavra propósito” (FESER, l. 5060). Assim o capítulo traz também uma abordagem séria e bem fundamentada da improbabilidade lógica de adaptações genéticas aleatórias terem dado origem a órgãos com funções específicas no organismo, para posteriormente serem selecionados dentro de um processo cego naturalista. Feser expõe como a crença de Dawkins e Darnet revelar ser muito mais absurda do que o entendimento de que existe um Criador. Nesse sentido, o autor entende que a abordagem teleológica está implícita em todas as coisas, inclusive em todo o discurso neoateísta.

É verdade que logo que se começa a ler o livro “A Última Superstição” de Edward Feser, percebe-se que sua forma de escrever é agressiva e pouco respeitosa para com os neoateus, o autor inclusive chega a deixar isso bem claro em seu prefácio afirmando que: “se parece que este livro é colérico, é porque ele é” (FESER, 2017, l. 217). Porém, durante a leitura dos capítulos nota-se uma postura mais branda com relação aos principais representantes do neoateísmo, sem tanta agressividade e menos emotiva nas palavras.

Não obstante, a narrativa utilizada por Feser é excessivamente prolixa e muitas vezes acaba tirando o foco do que está querendo ser demonstrado pelo autor. Sua forma de expressar as ideias é algumas vezes confusa, fazendo uso de referências deslocadas, e chegando a algumas conclusões desconexas com o raciocínio que foi desenvolvido, como quando tenta justificar sua postura de condenação do aborto e do casamento entre pessoas do mesmo sexo através de argumentos metafísicos para a existência de Deus.

Muitos dos exemplos de Feser são carregados de preconceito e poderiam até ser encarados por muitos como fundamentalismo religioso. A postura radical do autor é de se lamentar, pois tira grande parte do brilho argutivo da obra; do inegável e vasto cabedal de conhecimento que o autor tem do pensamento dos grandes filósofos da



humanidade; e da grande competência que ele demonstra ao explora diversas problemáticas como o ceticismo, o livre-arbítrio e os direitos naturais, sempre mesclando argumentação filosófica e racional com um conjunto de compreensões morais que ele tem da realidade, compreensões essas que, para dizer o mínimo, são bastante tradicionalistas. Essa postura contamina grande parte da obra, pois é como se o autor estivesse sucessivamente dando lições de moral no leitor, e lhes dizendo o que é certo e o que errado em algo tão extraordinariamente complexo como a vida. Trata-se, em verdade, de um bom livro, mas o leitor precisa de uma certa tolerância e paciência com o autor.

